

Teseya Panará - História do Contato dos Panará com os Brancos

\Aldeia Panará Rio Arraias, April 1994

(1)
"Vou começar a contar no início. Primeiro não tinha branco." Eu era pequeno quando chegou primeiro, na aldeia Yopuyupaw, era pequeno. Chegou um avião, um avião jogou coisas lá de cima. A minha mãe ainda me carregava nas costas. Não tinha branco. O pessoal viu o avião que fez assim, quando eu era pequenininho. Eu não vi branco naquela época, não sabia de branco lá na terra da gente, no meu mato. Então, voltou novamente o avião e jogou papel, que os Panará pegaram. "Chegou branco de novo lá em cima para jogar coisas. O que que é isso?" assim que falaram os velhos Panará. Foi assim que disseram os velhos, "O que é? O que é? E de coisa de lá em cima? Por que que jogou coisas? Não sei, talvez seja para matar," assim falaram os Panará. Eu entendi assim dos velhos.

Fiquei crescendo na aldeia Pàriwàsã. Lá não tinha branco. Aí, o pessoal falou que ia para a floresta fazer festa, não tinha branco, tinha muitos Panará. Foi tirar mandioca, e foi caçar, pegou jabutí, tatu, e chegou. Não tinha branco. Aí, chegou Panará, "Não tem branco", disse o pessoal, "Não voltou branco", disse. Tinha muitos Panará naquele lugar. "Está bem, agora novamente não há branco", disseram os velhos. Os Panará esqueceram.

Eu conheci as aldeias uma por uma. Estava na aldeia Pàriwàsã. Não tinha branco. "Então ficaremos aqui muito tempo," disseram os velhos Panará. "Está bem." Eu estava crescendo. Os Panará iam caçar, não encontrava caminho do branco não. "Não tem branco," diziam.

Eu estava crescendo, um menino, estou dizendo, na aldeia Sàpàsàrapàri, o mesmo que estou lhe dizendo, fomos apanhar taquara (para fazer ponta de flecha), o meu pai e minha mãe foram apanhar taquara. Falaram dos brancos, "Onde estão os brancos, onde entrou caminho dos brancos?" assim falaram os velhos. "Não tem branco," disseram. Acharam taquara e levaram, dormiram, e trouxeram para a aldeia de Sàpàsàrapàri, chegaram. Eu era pequeno mas ficando maior, aí falaram lá que iam para outra aldeia lá na nossa terra. Aí chegaram Panará, dizendo "Aqui que vamos ficar, aqui que vamos andar." No lugar onde nasci tinha muita terra, tinha muitos velhos, entendeu?

Daquele lugar, onde eu cresci, fomos embora -- o pessoal encarencou-se, ficou bravo com meu pai, aí fomos para outra terra que não foi muito longe, a aldeia do Yopuintonônyônkô. Aí chegamos, "Vamos ficar aqui, não tem brancos," disse o meu pai. A minha mãe disse, "Vamos ficar aqui, aqui mesmo ficaremos," com

meu avô, "ficaremos aqui." Naquele lugar eu cresci mesmo, estou lhe dizendo, na aldeia Yopuintonônyôkô, aí eu cresci. "Está bem, vamos ficar aqui," disse meu pai, "aqui não tem branco." O pessoal ia caçar um pouco longe, trazia coisas, caça, para a aldeia e não tinha branco, trazia coisas para aldeia sem branco. Ficamos naquele lugar.

O pessoal ficou lá naquele lugar e eu cresci mesmo, eu fiquei adolescente, estou dizendo. Naquele lugar chegou gente de outra aldeia, aí o pessoal derrubou roça, derrubou outra, derrubou outra, derrubou outra, derrubou outra roça, fez assim. Chegou gente de outra aldeia. "Como é que vamos fazer?" Meu pai falou que ia sair. "Vou sair para procurar branco," falou. "Deixa para lá, deixa aí," disseram assim lá na minha terra, no Yopuintonônyôkô. Iamos caçar lá, não encontramos caminho de branco. A gente ia longe. Trazia coisas pelo igarape, não encontrava branco não. Andava tranquilo, andava longe e não tinha branco, assim que falaram os velhos Panará. Andava tranquilo, caçando, trazendo coisas para casa para fazer festa e ficar cantando a noite toda na festa da caça, sem branco. Aí não tinha branco não.

Foi na lá na aldeia Sonsenasã que jogaram facas, na outra aldeia, eu parei aí.

Estava crescendo no Yopuintonônyôkô, e aí o pessoal da outra aldeia nos chamou para ir embora, "Vamos para outro lugar para ver nossos parentes," assim, "Está bem, não tenho vontade de ficar aqui." Aí, amanheceu, e veio um avião voando, só um. Chegou de manhã, (o sol estava) aqui. "Chegou branco," falaram, "Talvez seja branco," falaram. Aí voltou. Foi lá no Yopuintonônyôkô. Aí, ficaram com medo e falaram que iam embora. "Veio visitar e a gente não sabe por que," falaram os Panará. Os velhos já conheciam (o branco), e aí todo mundo resolveu ir para outra aldeia, para os inimigos não matar todo mundo, assim disseram os Panará.

Aí todo mundo disse que ia embora, as mulheres prepararam comida. "Vamos esperar para ver se esse que a gente viu volta de novo," disseram. "Não." Aí, foram embora. Deixou coisas lá, lá tinha muita comida. Amarraram as coisas e saíram daquele lugar. Aí dormiu na outra casa, dormiu de novo na outra casa, aí dormiu, dormiu, dormiu, aí chegou na outra aldeia, Sonsenasã. "Não ficou atras nenhum Panará. Talvez o branco aparecesse lá," disseram os velhos. "Não, não tem caminho de branco," disseram. Naquele lugar o povo juntou-se. Um velho tinha ficado atras no caminho. "Não pode voltar para a aldeia antiga," disseram.

O pessoal juntou-se, e disse, "Aqui está bom, não tem branco," "Não está, já viu aquele que chegou no Yopuintonõnyõnkô."

O povo juntou-se, os velhos ficaram fazendo discurso, e o pessoal foi escutar os velhos. "Está bem, aqui vamos fazer roça, aqui vamos roçar," falaram. "Esperam a seca começar para roçar," disseram. Aí, no início da seca fizeram roça, aí roçaram, roçaram na beira do rio. O povo chegou naquele lugar, Sonsenasã, roçou e roçou.

Chegou o branco. Chegou. Naquele lugar jogou facão, jogou facão de cabo vermelho, comprido, muito comprido. Jogou. "Chegou! Chegou branco, por que que chegou branco, por que que jogou facão?" falaram. "Não sei se vai ficar bravo," pessoal falou. "Não, não veio matar não," eu disse. "Não vem pela terra, estão lá em cima," falei. Jogaram facão, jogaram miçangas, muitas miçangas, miçangas brancas, jogou naquele lugar. Os velhos estavam com medo, mas os jovens não.

Naquele lugar juntamó-nos e fomos caçar. "Vamos ficar de olho nos brancos, vamos ver eles, por causa das coisas," dissemos. Fomos caçar e voltamos. "Não tem caminho dos brancos, não tem branco, não tem coisas." Naquele lugar, tinha outra aldeia Panará, e fomos para lá. Tinha muitos Panará. Chegamos no mesmo lugar. Eles não vieram por terram, só voavam em cima, aquele que ficou jogando coisas. Naquele lugar começou-se a falar em ir para outra terram para outra terram para a aldeia de Inkuipô.

O pessoal foi indo para Inkuipô, foi indo, e ficou lá. Fez roça novamente naquele lugar, os Panará fizeram roça de novo naquele lugar, como os velhos chamaram o pessoal para fazer. Naquele lugar vimos novamente o avião, que passou lá em cima no Inkuipô. A gente viu ele vindo, e foi embora. Espantou todo o mundo. Cnoversamos de novo sobre o avião, aquele que já falei, que voou. Os Kayapo já tinham atacados, e então veio outro que espantou o pessoal. Então o povo deixou Inkuipô.

Foi para a aldeia Inkyaunakye e ficou lá. Estava começando a fazer roça, mas deixou e foi embora para a aldeia Pàsüpàri. Aí, chegou no Pàsüpàri. Juntou-se no Pàsüpàri, juntou. Foi o medo do avião mesmo que fez com que o povo fizesse isso. Todos os Panará saíram, foram todos para Pàsüpàri e se juntaram naquele lugar. Não tinha mais gente nos outros lugares.

Aí, todo o mundo saiu de lá, atravessou o rio no Pàsüpàri e saiu todo o mundo, saiu com medo. Tinha muitas roças no Pàsüpàri. Aí,

fizeram um caminho daquele lugar, o Potü e Sinasüri, meu avô botaram um caminho. Fizeram um caminho para Topayurö, fizeram um caminho. Tinham pessoal lá também, e fizeram caminho, e os meus avôs ficaram lá no Topayurö esperando. Então largou a aldeia antiga, mas não fez muita roça na nova, eu vi só uma.

Então falaram que iam embora, "Vamos juntar lá mesmo, lá no Topayurö," falaram. "Está bem, vamos," falaram. Foi todo mundo para fazer roça. Foram uma por uma. Eu fiquei pensando na minha mulher, como não tinha roça lá, e fiquei triste por causa dela. Aí meu sogro falou, "Vai lá fazer roça," "Eu vou lá," falei. Ficou todo mundo triste por causa das roças quando todo mundo se foi. O povo chegou, fez muita roça naquele lugar e largou. Largou Pàsüpàri e todo mundo foi embora. Foi embora para outra aldeia, Topayurö, e juntou-se.

Naquele lugar fez roça nova, e plantou coisas. "Vamos ficar aqui mesmo," disse. Foi o Potü que fez primeiro, e ele chamou o pessoal para ir no mato derrubar. "Está bem", disseram. Veio todo mundo para lá para trabalhar. Potü, o primeiro, falou, "Pode vir todo mundo." Todo mundo fez, estavam fazendo muito. Roçou, roçou, roçou, e chegou o avião. Primeiro veio um, depois veio outro, passaram direto. "Vai chegar outro depois," falaram.

Foi assim que chegou branco primeiro naquele lugar, no avião. Começou a atacar. Aí, pessoal falou em ir pescar, a roça estava ficando muito naquele lugar. "Vamos todo mundo pescar," eu chamei todo mundo para pescar. O Namprà chamou o pessoal para pescar. "Está bem," falaram que iam. "Vamos amanhã." "Está bem." Dormiu. De manhã, a gente foi. A gente foi de manhã no caminho. Encontrou o ponto da pesca e encampou. Uns poucos, assim, foram pescar. Outros fizeram cama. "Pode fazer tapiri para nos pescar," falaram. Eu vi cana para fazer flecha, aí peguei muita flecha. Aí o outro falou, "Embora!" Namprà e Kritasôsü, os dois foram primeiro para pescar. "Vamos com eles," falou o pessoal. Os dois já tinham idos. Eles não foram longe, na beira do rio, e gritaram. "Chegou!" "O que foi, que foi que vocês estão correndo?" "Chegou!" "Pindurou facão e miçanga lá!" falaram. Namprà pegou facão comprido, um comprido, e miçanga também. Então o pessoal falou, "Vamos todo o mundo pegar logo coisas." A gente foi pelo correço pequeno. "De onde veio o branco? De onde?" falaram. "Não tinha branco." Foram atrás deles, e ouviram eles falando. "Chegaram muitos brancos," falaram, "Chegaram brancos, o que será que vai acontecer com nós? Serão eles bravos?" "Pinduraram facões. Não são bravos," eu falei.

Os velhos ficaram com medo. "Vamos voltar para a aldeia," disseram. Chegamos todos na aldeia. "Chegou branco," eu falei para eles. Discutimos como que a gente faria. Os velhos estavam com medo. Não entenderam. "O branco vai nos matar. Vai acabar conosco," disseram. "Não, os brancos não nos atacaram. Trouxeram facão e miçanga e os pinduraram," eu disse. Faca e miçanga também, a gente trouxe as coisas. Então perguntaram, "Onde estão?" "Estão lá." "Amanha vamos lá," eu falei. Dormimos até a manha. De manha o pessoal seguiu, muita gente. Estavam pindurados facões, machado, um machado, e facas. "Chegou de novo, chegou, chegou pelo rio," disse o pessoal. Foi assim. Naquele lugar os Panará acharam muitas coisas, achou, achou, achou.

Os velhos avisaram para não mexer com eles, para deixar quieto, se não eles nos matavam. Tinham chegado para nos matar. Os que não tinham medo falaram que os brancos não chegaram para nos matar. Os velhos ficaram com medo -- eles que conheciam. Nos não estávamos com medo, a rapazeada não tinha medo e disse que os brancos não matariam. Mataram antigamente, o pessoal antigo.

Então o branco ficou lá. Os Panará voltaram. Foi assim que chegou branco primeiro naquele lugar. Entrou lá, e os Panará se espalharam.

Vinha avião constantemente. Veio um pouco para lá, outro veio para lá, outro veio para lá. Então os velhos ficaram com medo. "Não são bravos, não fiquem com medo," falei. "Não são bravos ainda, eles querem nos amansar, é por isso que deixaram coisas para nós," falei para os velhos. "Tenha cuidado para eles não ataquem vocês," disseram os velhos. "Não é bravo, veio para amansar nós," falei. Então o pessoal foi seguindo com medo, foram no medo até a aldeia antiga de Yopüyüpaw.

A gente foi para Yopüyüpaw, e dormiu um dia. Naquele lugar fez uma roça grande. Então o pessoal fez um pouco de roça de novo, e foi buscar comida. "Vamos pegar comida," falou. Chegou na aldeia Topayurõ. A gente voltou com a comida, quase chegou. A gente quase chegou, e o branco estava aí, fazendo a comida dele. Lá no rio Peixoto, os Panará viram de novo. "Não é bravo, deixou os facões que pessoal pegou lá," falaram. Os velhos Panará estavam com medo.

Foi lá mesmo que a gente chegou com a comida. Uma parte do pessoal estava voltando, aí estava um velho, o Claudio talvez, chorando, fazendo assim, "Não estou bravo," acenava com a mão, "Não estou bravo, não vou matar vocês," falou assim. Então o

peçoal chegou na aldeia, onde tinha uma roça. Chegamos na roça nova. O peçoal foi chegando. Aí, eu voltei para lá. "Vamos lá ver o branco de novo," falei. Aí fomos, não foi muito longe.

Chegamos assim, a tarde. "Onde está o branco?" "Está lá, cortando pau." Meu irmão Inkreya foi junto comigo, o meu irmão foi junto. Aí, outro gritou, "Chegou Panará!" falaram, "Panará!" "Não estou bravo," faláram, "Venham cá!". A gente chegou, levou as miçangas, pegou facas, facões, machados, pegou muito. Eu estava indo, e meu irmão apontou com a flecha. "Não! Não é bravo," falei para o meu irmão. "Não está bravo, fica acenando com a mão." Eu entendia. Eu falei para Inkreya, "Não fleche não." Eu avisei meu irmão. "Não vai atacar não, não é bravo. Não é bravo, está acenando," eu disse. "Não estou bravo," o Claudio falou assim, e pegou na mão de todo mundo. "Não estou bravo, não vai me flechar." Eu avisei meu irmão, "Não! Para! Deixa aí!" Meu irmão pegou arco e flecha, e eu falei "Não fleche!", e aí foi embora. Estava muita coisa. O Claudio passou mão na cabeça, pegou na minha mão. Ele andou um pouco, pegou uma faca, e jogou longe do peçoal. "Não estou bravo, não correm, venham cá," falou. A gente tinha chegado com medo, então a gente foi andar no caminho. Ele ficou aí. O Claudio chamou, "Não estou bravo, venham pegar facas, miçangas," ele falou. Daí a gente foi embora para a aldeia. A gente chegou na aldeia, não foi longe. Chegamos a noite no Yopüyüpow.

Chegamos naquele lugar e então morreu, morreu meu avô Sewakri. Na chegada, com medo dos brancos morreu a minha mãe. O Claudio andava atrás de nós, para fazer contato. Morreu a minha mãe, a falecida. Na aldeia Yopüyüpow, naquele lugar o falecido Sewakri foi o primeiro a morrer. Então, o povo chegou, e ficou doente, ficou doente. Tudo mundo ficou deitado, o resto entrava no mato. Os outros foram para o mato, um foi por aqui, outro acolá. Morreu, morreu, ficou todo o mundo doente. "O que é que aconteceu conosco? Talvez fosse por causa do branco," falaram. Todo mundo morreu lá.

O povo chamou de novo para ir para a aldeia antiga. "Vamos para Topayurõ," falaram. A gente foi, e encampou, e naquele lugar ficou morrendo. Morreu todo o mundo. Chegou perto do rio grande. Aí explodiu bomba, fazia barulho. "O que será que é? Está nós matando."

Lá naquele lugar acabou. O peçoal dormiu no mato. Crianças, gente grande, morreu todas. Chegou no rio grande. Atravessou o rio. Naquele lugar afogou uma criança, o irmão do Seakyã, entrou n'agua quando estava doente e afundou n'agua. Ficamos triste

naquele lugar. "por que não pegou no braço da criança," falaram. "Queria chegar de volta rápido então não comi, foi por isso," falaram. Morreu gente de todas as famílias. "O que é que aconteceu conosco?"

Naquele lugar o povo chegou, juntou-se, ficou lá. Eu fiquei doente. Todo mundo morreu no caminho. O pessoal veio no caminho. "Vocês se cuidam. Tem banana para vocês comer," falaram. "Quem não fica doente vai fazer comida para os outros," disseram. Quem não estava doente fazia comida, pegava mel. Não ficou ninguém na roça. Morreu todo o mundo lá. Aí voltaram um pouco para lá, e ficaram aí.

Aí chegou o avião de novo no Topayurõ. O Claudio vinha lá de cima. Vinha direto. "Por que é que vem atrás da gente?" "Não sei, todo mundo está morrendo." "Amanha vamos andar de novo, para ver o branco," falaram. O pessoal chamou para sair daquele lugar. "Deixa a gente ficar bem que depois vamos lá novamente, lá no rio." Naquele lugar o povo morreu novamente. Chegou mais gente e também morreu. Voltou todo o mundo para aquele mesmo lugar.

Todo mundo ficou bem. "Fiquei bem," falou o pessoal. Era muita gente que juntou-se, e morreu quase todos no Topayurõ. Daquele lugar foram para ver o branco. Eu fiquei com os outros. "Eu fico aqui," falei. O pessoal foi pelo rio Kenisàngsi. Chegou novamente. "Por que que chegou branco?" falou. Trouxe machado, facão. O pessoal achou novamente. Voltou a andar. "Chegou, tem canoa," falou o povo. "Chegou de novo, não está," disse. Aí o pessoal foi de novo. Eu fiquei sempre na aldeia. Fiquei sempre na aldeia. O pessoal demorou para voltar e avisar os outros na aldeia que o branco estava lá.

"Amanha vamos novamente, só os homens," falou pessoal. "Está bem, amanhã vamos." Pessoal dormiu. Amanheceu. Amanheceu. "Vamos logo, que é longe," disse. Tinha canoa grande. "Chegou branco. O que é que a gente vai fazer com canoa?" falaram. "A gente puxa nadando," disse. Os Panará foram puxando a canoa andando. Panará não sabia remar. O pessoal atravessou, e andou no caminho. Foi, e pegou peixe. "Vamos pescar primeiro," disse. Aí, o pessoal foi. Foi. Hawkàna, Nasùri, Kàkyên, esses foram. O branco chegou antes. Os Panará foram atrás, e acharam ele. Chegaram atrás dele.

O pessoal falou para Hawkàna pegar facão, e ele pegou. Hawkàna aproximava-se ao Claudio, e Claudio falou, "Não sou bravo não." Hawkàna pegou facão. "Não, não estou bravo não," e abraçou ele.

"Não estou bravo, não fique com medo de mim," ele falou. "A gente vai vir todo mundo," disse o pessoal. Hawkàna era pequeno, ele ficou manso, o Claudio amansou dois.

Então atravessaram o rio, e andaram no caminho. Chegaram a noite. O pessoal dormiu. "Não mexam com eles," eu falei, "Eu vou com vocês," falei. "Vamos matar eles," o pessoal falou. Eu estava ouvindo. "Vocês não vão matar. Eu vou junto com vocês, com a minha mulher." A minha mulher falou que ia, assim, "Eu também." "De manhã vai todo mundo." "Está bem, amanhã vamos." Dormiu. De manhã a gente seguiu. Encampou primeiro. "Vocês podem pegar peixe. Não ficam preocupados, Claudio já nós amansou. Não mexam, não atacam," eu avisei o pessoal. Chegou no rio Kenisàngsi. "É esse mesmo que deixou coisas, que chegou?" "Chegou de novo, vamos lá novamente." "Onde está o branco?" falou Paapô, ele que a cobra mordeu. "Onde está o branco que eu quero matar." "Não, não faça assim não," eu falei. Estava pegando flecha para os matar. "Chegou, está aqui," e apontou flecha. Eu falei, "Não, não faça assim não, que não está bravo." Eu segurei a flecha dele e o arco, segurei. "Faça assim não, deixa aí." Eu entendia. Ele quase flechou o branco. Foi assim que eu fiz.

Os velhos não entendiam, mas nos jovens entendíamos. "Faça assim não, vamos com calma. Se o branco desconfiar, mata nós." Eu pensava assim. Como que a gente podia pensar? Nosso parentes morreram todos, portanto eu queria conversar devagar com os brancos. Falei assim para os velhos, que não entendiam nada.

Eu pensei assim. Agora, acabaram com a nossa terra. Sonsensã acabou, onde eu cresci. A terra do meu sobrinho acabou. Acabou a minha terra, e não foi eu que pedi para fazenda entrar lá. Eu entendo da terra. Por isso que eu já peguei de volta o que sobrou.

Relação dos Índios Panará Falecidos por Doenças Epidémicas, 1973-1975, na região do Peixoto de Azevedo (1)

Nome	Sexo	Idade (2)	Clã (3)
1. Sewakri	M	35 <	kso
2. Kwàpõ *	M	35 <	kso
3. Pakàsà'	M	35 <	kr
4. Tekyã	M	35 <	kso
5. Sinasàri	M	35 <	kr
6. Kà'sôa	M	35 <	kr
7. Penyõkre	M	35 <	ksi
8. Sêpoti	M	35 <	kso
9. Kokoti	M	25	kk
10. Inkrea	M	35 <	kk
11. Yansüpresi	M	35 <	ksi
12. Pakreakoupà	M	35 <	kk
13. Sàrkyena	M	35 <	kso
14. Pekwàn	M	35 <	kk
15. Paatôma	M	35 <	kso
16. Pâyakriti	M	35 <	kk
17. Piüti	M	35 <	kk
18. Paatoti	M	35 <	kso
19. Pa'si	M	35 <	kr
20. Pakõn	M	25	kr
21. Mankwüti	M	35 <	kso
22. Inkõtâr	M	35 <	kk
23. Pekreyu	M	35 <	kso
24. Kiantinakriti	M	35 <	kso
25. Pekre	M	35 <	kr
26. Sàrpõ	M	30	kk
27. Youtikyã	M	35 <	kso
28. Pretiti	M	25	ksi
29. Pàrasuri	M	35 <	kso
30. Painkinpüti	M	35 <	kso
31. Kõkwàri	M	35 <	kso
32. Swakyên	M	35 <	kr
33. Pontou	M	35 <	kk
34. Kyã'si	M	35 <	kso
35. Paakà	M	35 <	kso
36. Sàkyou	M	35 <	kr
37. Kàrkyên	M	35 <	kr
38. Kyãkina	M	35 <	kr
39. Isôna	M	35 <	kso
40. Pà'su	M	35 <	kso
41. Kõkyatakriti	M	25	kso
42. Kiepoupõ	M	35 <	kso
43. Yakyõ	M	35 <	ksi
44. Sànkõ	M	35 <	kk
45. Näsüri	M	35 <	ksi

46. Kônasâr	M	35 <	kk
47. Tek_'	M	35 <	ksi
48. Saankona	M	35 <	kso
49. Hayà	M	35 <	kso
50. Kaakô'	M	50	kso
51. Yôs_	M	20	kso
52. Sotiy_	M	20	kk
53. Potu'	M	40	ksi
54. Yopkiänkyên	M	09	kk
55. Tutuma	M	06	kk
56. Intôti	M	15	kso
57. Kukakôri	M	15	kso
58. Sàrtina	M	15	kk
59. Sü'kà	M	20	kr
60. Yôpaa	M	10	kk
61. Sêpinkô	M	06	kk
62. Asânsi	M	35 <	kso
63. Yökà	M	06	kr
64. Pouriti	M	20	kr
65. Sewapiàri	M	05	kso
66. Kwakritasàri pã	M	03	ksi
67. Kwakritasàri pã	M	01	ksi
68. Kyütate pã	M	01	kso
69. Kyütate pã	M	02	kso
70. Tonsàryase pã	M	01	kso
71. Tonsàryase pã	M	3 meses	kso
72. Yökri pã	M	01	kr
73. Yökri pã	M	02	kr
74. Paakya	M	03	kr
75. Kupamàtúa	M	01	kk
76. Swakàrna	M	20	kr
77. Pàripen	M	10	kr
78. Kontoupen	M	35 <	kr
79. Pêyà pã	M	03	kk
80. Akutiyà	M	15	kk
81. Krekaka	M	02	kso
82. Kakrekràn	M	05	kso
83. Kwankô	M	8 meses	kso
84. Sekyäsã	M	15	kso
85. Nansô	M	35 <	kso
86. Painte pã	M	03 meses	kso
87. Kôkôtita	M	02 meses	kso
88. gemeo	M	02 meses	kso
89. Sàrtakriti	M	35 <	kso
90. Hay_püti	M	35 <	kso
91. Pia'se	M	25	kso
92. Kààsõ	M	25	kso
93. Pakren	M	35 <	kso
94. Kupôn	M	35 <	kso

95. Kyüti	M	15	kr
96. Kötär	M	35 <	kk
97. Paapen	M	35 <	ksi
98. Pàkyana	F	30	kk
99. Kôte	F	35	kso
100. Sàrtisôn	F	35 <	kso
101. Pinaprea	F	35 <	kr
102. Kôyã	F	35 <	kk
103. Kuapari	F	35 <	kr
104. Sàryase	F	20	kso
105. Nampràkyã	F	50	kr
106. Tutiti	F	40	kr
107. Kàrinsü	F	35 <	kso
108. Kwàmiõ	F	40	kk
109. Sampiüyà	F	50	kk
110. Sõnsü	F	35 <	kk
111. Kwaaïnte	F	50	kk
112. Pëyõkiü	F	20	kso
113. Kyëinkyã	F	20	kr
114. Puukô	F	35 <	kk
115. Pàyakôri	F	35 <	ksi
116. Penkà	F	50	kk
117. Wayànsi	F	15	kr
118. Swaapiou	F	35 <	kr
119. Sëware	F	25	kk
120. Priy_	F	20	kk
121. Kwakritasüri	F	20	ksi
122. Kötanãri	F	40	kso
123. Kãpre	F	35 <	kso
124. Yõukyü	F	35 <	kk
125. Pëyà	F	35 <	kk
126. Kàrkyã	F	30	kr
127. Kyewakou	F	15	kk
128. Mõpea	F	05	kk
129. Sõwã	F	15	kk
130. Saatun	F	06	kk
131. Kyõnkri	F	35 <	kr
132. Sakre	F	05	ksi
133. Inkrê	F	03	kr
134. Põsõnasà	F	07	ksi
135. Wätàrti	F	15	kso
136. Sakõnõa	F	20	kr
137. Kyütatê	F	30	kso
138. Sàryase	F	30	kso
139. Paasona	F	20	kk
140. Kwàâyü	F	20	kr
141. Hakyên	F	35 <	kr
142. Sakõnõa pr_	F	05	kr

143.Könkwàn	F		03		kr
144.Sôyankô	F		05		kr
145.Torinkreyü	F		15		kr
146.Penyökôpain	F		8 meses		kr
147.Kapê	F		01		kr
148.Kàpre pã	F		01		kso
149.Kôtinampiã	F		13		kk
150.Penyökiü pã	F		8 meses		kso
151.Swapiou pr_	F		01		kk
152.Sewakri pr_	F		02		kk
153.Kotanãri pr_	F		03		kk
154.Kwakritasàri pã	F		04		ksi
155.Kwakritasàri pã	F		03		ksi
156.Paainkyà	F		4 meses		kr
157.Kyütate pã	F		02		kso
158.Tonsàryase pã	F		02		kso
159.Tonsàryase pã	F		03		kso
160.Sinapöyü		F		02	kr
161.Saakô	F		01		kr
162.Kiepüti pã	F		nascimorto		kr
163.Kiepüti pã	F		"		kr
164.Somakyàra	F		04		kk
165.Twàntoyü pã	F		03		kk
166.Twàntoyü pã	F		05		kk
167.Si'prempã		F		30	kk
168.Takyun	F		30		kk
169.Sotasã	F		05		kso
170.Yopasê	F		30		kso
171.Yötu	F		5 meses		kso
172.Penpaapô	F		02		kso
173.Pànyöpen	F		05		kso
174.Krapouma	F		35 <		kso
175.Popampiü	F		08		kso
176.Pôtakwàn	F		35 <		kso

Notas

1. Estas informações foram levantadas na aldeia Panará, entre dias 21 e 25 de novembro, 1994, e foram contadas pelo chefe Teseya, e pelas Sàrkyarasà, Kyütakriti, e Swakie, mulheres velhas.

2. As idades são aproximadas. Os Panará não contam, e a classificação de idade é pelas classes de idade tradicionais, ou por comparação com pessoas conhecidas. O símbolo "35 <" quer dizer "acima de 35 anos", e representa uma estimativa da idade das classes de idade dos velhos (ou taputun, no Panará) e velhas

(twatun). O critério para atingir essa classe é de ser avô ou avó, ou seja, que os seus filhos tem filhos.

3. Os clãs são categorias básicas do sistema social Panará, sendo que todo o mundo pertence a clã da sua mãe, e todos obrigatoriamente se casam com parceiros de um clã que não seja a sua. Os clas são quatro:

Kwasôtantera -	kso
Kwakyatantera -	kk
Kwôsitantera -	ksi
Krenôwantera -	kr

* Guia a pronúncia Panará:

Os vogais Panará são parecidas com os do Português, exeto:

à = [], como no inglês "but" ou "come";

û = [], um vogal alto, central, não arredondo.